

# Lições de financiadores de ações climáticas sobre apoio ao desenvolvimento localmente liderado

**Documento de política**

## Sumário

1. Introdução	1
2. Localização no topo da agenda do desenvolvimento	1
3. Explicações para o progresso lento na localização	2
4. Respostas da sociedade civil	3
5. Financiadores de ações climáticas avançam	4
6. Três estudos de caso sobre o financiamento de ações climáticas localmente lideradas	5
6.1 Alianza Socioambiental Fondos del Sur	5
6.2 Fundação Africana do Clima (ACF)	7
6.3 Fundação Pan-Americana para o Desenvolvimento (FUPAD)	8
7. Práticas progressivas para intermediários na cadeia de financiamento do desenvolvimento	9
7.1 Definições mais claras do que vem a ser uma organização local	10
7.2 Repasse de recursos de acordo com as necessidades locais	10
7.3 Melhorar a qualidade do financiamento	10
7.4 Simplificar requisitos de relatórios	11
7.5 Construir ecossistemas para a sustentabilidade	11
7.6 Construir uma rede entre atores locais	12
7.7 Transparência é essencial	12
7.8 Capacitação para compensar defasagens administrativas de organizações locais	12
8. Conclusão	13
9. Fontes	14

## 1. Introdução

Alguns financiadores de ações climáticas no setor filantrópico alcançaram uma visão significativa sobre a melhor forma de oferecer recursos para ações localmente lideradas. Sejam grandes fundações internacionais ou agências doadoras bilaterais, todas podem ganhar com essas experiências em sua jornada para a mudança institucional.

A localização tem sido discutida há tempos na cooperação para o desenvolvimento, começando com um apelo por “parcerias equitativas e solidariedade” nos Princípios de Istambul para eficácia no desenvolvimento de OSCs de 2010 e, um ano depois, na [Parceria de Busan para uma cooperação eficaz no desenvolvimento](#). Entre os princípios de Busan estão “parcerias de desenvolvimento inclusivas, baseadas em abertura, confiança e respeito mútuo”, e “responsabilidade mútua e transparência entre os doadores e os beneficiários que são objeto da nossa cooperação”. Os dois princípios preparam o terreno para a localização.

Com base nessas e em outras declarações, o [Compromisso do Grande Acordo \(Grand Bargain\) de 2016](#), celebrado por organizações de ajuda humanitária e auxílio em desastres, trouxe uma promessa de 25% do financiamento direto para atores locais até 2020. Entretanto, nos anos seguintes, agências bilaterais de cooperação para o desenvolvimento e organizações não governamentais internacionais (ONGIs) não tiveram sucesso em traduzir a conversa sobre transferência de poder em um aumento significativo de recursos e lideranças locais. Apenas [0,5% do financiamento](#) foi passado diretamente para ONGs locais e nacionais, enquanto cresciam os apelos por uma mudança no desequilíbrio de poder, vindos de uma sociedade civil local confrontada com crescentes barreiras burocráticas e obstáculos de conformidade no acesso a financiamentos. Os signatários concordaram com um [Grande Acordo \(Grand Bargain\) 2.0](#) em 2021, ainda que muitos estejam céticos de que isso possa impulsionar a localização para além do primeiro compromisso.

## 2. Localização no topo da agenda do desenvolvimento

O impulso renovado em prol da transferência de poder e financiamento para o nível local é resultado, em parte, do aumento das desigualdades exacerbado pela pandemia da Covid-19. Há também uma maior consciência da necessidade de descolonizar o desenvolvimento e abordar pressupostos racistas tácitos e controles excessivos por parte de provedores de recursos e ONGIs intermediárias contratadas, que implementam projetos diretamente ou são canais de financiamento para organizações no Sul Global. “Tais relações muitas vezes enfraquecem as organizações da sociedade civil (OSCs) parceiras, reduzindo-as a meras implementadoras em seu próprio país de programas predeterminados externamente, para os quais as OSCs parceiras devem produzir resultados”, [observou um grupo de líderes da sociedade civil](#).

Os financiadores de ações climáticas entrevistados nesses estudos de caso rejeitam ser classificados como “intermediários”. Embora estejam repassando fundos de outros doadores, o termo os coloca na mesma posição de organizações que podem controlar ou limitar o acesso a recursos e exigir o cumprimento de requisitos dos doadores originais envolvendo elegibilidade, atividades, indicadores e relatórios. Por outro lado, essas organizações que repassam recursos (regranters) para ações climáticas têm profundo conhecimento do contexto local e promovem a “localização”, como define a WINGS: “Um processo pelo qual diferentes partes interessadas recolocam atores locais no centro da cooperação para o desenvolvimento e da ajuda humanitária, com um papel maior e mais central.”

Definição adaptada de [Trócaire’s Partnership and Localisation Strategy 2021-2025](#)

Em 2021, num marco do direito internacional, os membros do Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (CAD) da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) adotaram por unanimidade a [Recomendação sobre a capacitação da Sociedade Civil na cooperação pelo desenvolvimento e na assistência humanitária](#). Entre muitas ações fundamentais, a Recomendação pedia o aumento do “apoio direto, flexível e previsível” e o fortalecimento da “capacidade da sociedade civil para desenvolver fluxos de recursos financeiros locais”. Em 2022, um grupo de 15 doadores bilaterais do CAD da OCDE adotou [um compromisso conjunto para apoiar o desenvolvimento localmente liderado](#). Isso se alinha a uma iniciativa entre sete ONGs lançada naquele ano, denominada [Compromisso pela mudança](#)

([Pledge for Change](#)), que se concentra em parcerias equitativas, narrativas autênticas e influência em mudanças mais amplas na sociedade civil.

Não obstante, a maioria dos doadores continua a depender de serem [subcontratados por outras OSCs](#) e da [contratação de outras OSCs](#) para seus programas. Ambas as modalidades podem deixar as ONGs em posição de gerenciar o financiamento de parceiros locais e fazer cumprir condições de doadores, como requisitos de qualificação e auditorias financeiras, o que pode minar autonomia, propriedade e liderança locais.

### 3. Explicações para o progresso lento na localização

Existem argumentos práticos levantados por doadores, seja em público ou em reuniões internas de gestão, para justificar a lentidão na implementação do financiamento direto local. Alguns citam o [aumento significativo de pessoal e tempo](#) necessários para supervisionar atividades e gerenciar relações com um número maior de subcontratados, expressando receio de que localização leve a mais burocracia. Uma [avaliação](#) feita pela Agência Dinamarquesa para o Desenvolvimento Internacional (Danida) confirmou que suas ONGs nacionais estavam progredindo no uso de seus princípios de localização. Todavia, algumas relataram dificuldades em tornar a localização prática, devido à forma como operam, e consideravam a maior dedicação de tempo da equipe à gestão de relacionamentos como uma barreira.

“O Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) tem mais pessoas localmente no Quênia do que a Agência Norueguesa de Cooperação para o Desenvolvimento (Norad) tem em seu escritório central na Noruega,” disse Bård Vegar Solhjell, Diretor Geral da

Norad, em fevereiro de 2023, durante uma [discussão sobre desenvolvimento localmente liderado em parcerias com a sociedade civil](#). “Assim, para eles, trabalhar bem diretamente com parceiros locais é uma meta realista. Para nós, essa realidade é limitada, o que torna ainda mais importante a capacidade de nossos parceiros multilaterais ou ONGs para promover um bom desenvolvimento local. Então, essa seria nossa principal estratégia.”

A necessidade de responsabilização pelo uso do dinheiro dos contribuintes pesa sobre funcionários de órgãos governamentais responsável pelo apoio à cooperação para o desenvolvimento. Solhjell entende isso como um dilema político geral, não apenas específico do desenvolvimento. “Os parlamentos geralmente querem decidir (prioridades), enquanto quem recebe apoio orçamentário geralmente quer definir as próprias prioridades. Isso é verdade para além da Noruega, no nível europeu e no desenvolvimento”. Ambas as visões são legítimas, diz Solhjell, mas pode haver conflito quando requisitos rígidos de gastos devem ser cumpridos, ao mesmo tempo em que se tenta apoiar prioridades de desenvolvimento localmente lideradas. Essa rigidez pode conflitar com o objetivo de flexibilidade e financiamento direto que ajuda os parceiros a promover um desenvolvimento localmente liderado.

Doadores internacionais às vezes defendem requisitos estritos de “due diligence” implementados para reduzir o risco de corrupção, citando a preocupação com a falta de capacidade administrativa das ONGs locais. “Bastariam alguns escândalos envolvendo má aplicação do dinheiro para ameaçar todo o apoio político e popular à ajuda estrangeira”, disse Kaj-Martin Georgsen, Diretor Nacional da CARE Noruega, [no seminário da Norad](#). Doadores bilaterais valorizam o papel das ONGs como intermediárias, por causa de sua experiência no trabalho com organizações que são vistas como de menor infraestrutura financeira para lidar com grandes quantias de financiamento.

Alguns chamam isso de “dilema da conformidade”. [Uma pesquisa de empreiteiros privados da USAID](#) identificou requisitos complexos de conformidade e relatórios como uma barreira significativa para a localização, muitas vezes impedindo que quaisquer organizações locais, exceto as mais sofisticadas, possam contratar diretamente com a USAID ou mesmo aceitar níveis significativos de subcontratos em projetos da agência.

## 4. Respostas da sociedade civil

A sociedade civil tem proposto inovações que tentam lidar com a lentidão na transferência de poder e financiamento para um maior controle local. A Adeso, uma ONG humanitária africana, criou [um serviço de apoio administrativo](#) para assegurar aos doadores a responsabilidade financeira das organizações locais. O objetivo é centralizar a escrituração e a gestão de doações para consórcios de ONGs menores, a fim de permitir sua qualificação para uma solicitação conjunta de doações maiores de doadores bilaterais e privados.

Peace Direct descreve [nove importantes papéis adicionais para ONGs intermediárias](#), além da simples atuação como mecanismo para administrar fundos de doadores. O projeto Reimaginando a ONGI (Re-Imagining the INGO, ou RINGO), organizado pelo Rights CoLab, desafiou as ONGs a abrir mão de seu domínio sobre o financiamento bilateral, tentando dissipar o mito da “eficiência”. Um diagnóstico de projeto mostra que procedimentos complexos de relatórios e conformidade

levarão a burocracias complicadas dentro de ONGs, aumentando custos e consolidando seu papel dominante no sistema de ajuda ao desenvolvimento. Portanto, o RINGO promove a [prototipação de inovações](#) como financiamento participativo e novos métodos de compartilhamento de riscos e gerenciamento de conformidade que sejam mais eficazes, baseados em confiança, fortalecedores e equitativos.

Um estudo próximo pela [CSO Partnership for Development Effectiveness \(CPDE\)](#) descreve os desafios estruturais e institucionais para ONGs em transição para o desenvolvimento localmente liderado. Uma questão importante é como doadores avessos a riscos mantêm intermediários “no comando” para facilitar as prioridades dos doadores, uma posição que não podem abandonar com facilidade. Outra questão é a resistência organizacional para engajar, entender e aceitar mudanças nas formas tradicionais de trabalho no que tange a poder, racismo estrutural e acesso privilegiado a recursos, velados pelo discurso da responsabilidade para com os doadores, conclui o estudo.

## 5. Financiadores de ações climáticas avançam

Neste debate renovado sobre uma forma prática de transferir mais poder e recursos para atores locais da sociedade civil em países parceiros, alguns novos financiadores de ações climáticas no espaço filantrópico privado estão liderando mudanças progressivas em repasse de recursos (regranting), parcerias, planejamento e implementação de projetos. No espaço climático, tem havido uma maior compreensão de como mudanças climáticas e direitos humanos estão interligados. Historicamente, tem havido enorme apoio filantrópico para organizações conservacionistas de maior porte, enquanto grupos indígenas de comunidades locais permanecem invisíveis, apesar de serem os principais atores na proteção dos biomas ameaçados. A nova abordagem do financiamento de ações climáticas visa cuidadosamente fornecer recursos diretos para ativistas e organizações locais, algumas vezes trabalhando com comunidades marginalizadas que geralmente não são consultadas sobre decisões envolvendo seus ecossistemas. Subjacente a este trabalho está uma compreensão fundamental da mudança do poder e do controle.

A filantropia climática é um campo em crescimento. Um [relatório recente](#) estimou um aumento de 25% no financiamento filantrópico para a mitigação climática, de US\$ 7,5 para 12,5 bilhões em 2021 em comparação com 2020. Através da construção intensiva de relacionamentos, do financiamento baseado em confiança, do desenvolvimento de capacidade localmente liderado e de outros modelos, os financiadores de ações climáticas estão na vanguarda da transformação da filantropia, de modo a se envolverem mais no financiamento direto em nível local.

A WINGS tem quase dois anos de experiência liderando o #PhilanthropyForClimate, um movimento global para catalisar e apoiar ações climáticas significativas por parte de organizações filantrópicas em todo o mundo. O movimento foi iniciado em 2019 com o lançamento do Compromisso dos financiadores do Reino Unido a respeito da mudança climática (UK Funder Commitment on Climate Change). Com o apoio da Colisão da Filantropia Europeia pelo Clima (European Philanthropy Coalition for Climate), liderada pela Philea (Philanthropy Europe Association), a WINGS lançou o International Philanthropy Commitment on Climate Change, que agora expandiu o movimento global para mais de 600 signatários de mais de 20 países.

Em publicação de 2023, a WINGS destaca [20 estudos de caso](#) de organizações de todo o mundo que exploram formas concretas de abordar localmente os desafios comuns no financiamento de ações climáticas, com ênfase nas ações filantrópicas no Sul Global. Os estudos de caso do #PhilanthropyForClimate mostram que muitas instituições filantrópicas não relacionadas ao clima aperfeiçoaram suas práticas de concessão de doações conforme integravam a mudança climática aos seus programas.

## 6. Três estudos de caso sobre o financiamento de ações climáticas localmente lideradas

Levará algum tempo até que os principais doadores bilaterais e fundações internacionais implementem suas políticas de forma eficaz para uma maior localização de financiamento, poder e capacidade. No processo de trabalhar em novas formas de transferir poder para atores locais, grandes financiadores sediados na Europa e na América do Norte continuarão trabalhando com intermediários, mesmo enquanto se voltam para o financiamento direto de organizações locais. Nesse ínterim, esses financiadores podem encorajar organizações intermediárias internacionais de desenvolvimento e ações humanitárias a adotar práticas de financiamento mais equitativas e solidárias em sua parceria com atores de desenvolvimento locais e no local.

Ao rever e adotar algumas dessas promissoras novas práticas de doar, financiadores de desenvolvimento de todos os tipos podem aprofundar seu impacto na vida das pessoas e reduzir a dependência das comunidades, ao mesmo tempo em que fortalecem organizações locais e nacionais na projeção e liderança de seu próprio trabalho.

### 6.1 Alianza Socioambiental Fondos del Sur

A [Alianza Socioambiental Fondos del Sur](#) (Aliança de Fundos Socioambientais do Sul Global) reúne fundações socioambientais independentes do Sul Global no repasse de recursos: Fundo Casa Socioambiental (Brasil), Fondo Acción Solidaria A.C. (México), Fundación Tierra Viva (América Central), Samdhana Institute (Sudeste da Ásia), Fundación Semilla (Bolívia), Fondo Socioambiental del Perú (Peru), Emerger - Fondo Socioambiental (Colômbia), Fondo Ñeque (Equador), e Fundo Tindzila (Moçambique). A nova iniciativa direciona recursos para organizações de base locais que trabalham na linha de frente da crise climática.

Cada fundo é uma estrutura de base nacional ou regional para desembolso de financiamento, operando em idiomas e culturas locais e emitindo doações em moedas locais para atores locais. Por exemplo, apenas um dos fundos do Alianza, o Fundo Socioambiental Casa, prestou um apoio total em 2021 de [mais de USD 3 milhões para 462 projetos](#). Destes, 73% apoiaram diretamente 285 projetos de associações institucionalizadas e 23% financiaram diretamente 93 grupos e movimentos informais.

A aliança é inspirada em um modelo de filantropia ativista que vem crescendo desde 2005 para tratar de questões socioambientais na América Latina e no Sudeste da Ásia, e que agora também inclui novos fundos na África. O surgimento de fundos locais com força institucional e política pode disponibilizar recursos oportunos e prontamente disponíveis para organizações de base locais

que enfrentam os piores impactos da devastação ambiental, além de amparar populações mais vulneráveis em lugares onde o apoio filantrópico tradicional geralmente não chega.

Cada membro da Alianza é uma entidade nacional ou regional dedicada a oferecer apoios financeiros e de outro tipo a organizações de base locais que proponham alternativas justas e sustentáveis para práticas ambientais insustentáveis ou para a simples destruição ambiental. Seu trabalho se concentra em implementar mudanças com povos e comunidades indígenas, de formas específicas e tangíveis, para a proteção dos direitos e ecossistemas das comunidades em diferentes países e regiões do Sul Global.

Todos os membros da Alianza estão oferecendo recursos oportunos para comunidades que enfrentem desafios ambientais e sejam excluídas, tenham seus direitos constantemente infringidos e, em sua maioria, sejam invisíveis para a filantropia. De acordo com a cofundadora da Alianza, Maria Amália Souza, a solução é criar "...estruturas de financiamento em nível nacional e regional administradas de forma independente, cada uma sendo responsável por mobilizar recursos de diferentes fontes e definir mecanismos adequados para assegurar que doações sejam feitas diretamente para comunidades de base".

A Alianza garante que cada um dos seus membros transfira poder e recursos para organizações com legitimidade e representação nas comunidades locais. Seu objetivo principal é atuar em dois problemas concretos enfrentados por diversas ações filantrópicas e outros doadores que trabalham na agenda climática: como definir uma estratégia de financiamento que atenda às prioridades locais e que se baseie no conhecimento local, e como operacionalizar o desembolso de recursos sem ter uma pessoa jurídica operando no país.

A Alianza cumpre os papéis de conectora e convocadora. Por um lado, atua como ponte entre grandes doadores que veem valor em oferecer recursos para organizações de base, mas não podem fazê-lo sozinhos. Por outro, funciona como um para-choque, protegendo grupos comunitários e associações locais inexperientes para que não tenham de lidar prematuramente com a experiência penosa de receber doações em moedas internacionais (o que não é apenas burocraticamente difícil, mas até perigoso em alguns lugares e períodos politicamente tensos). Os membros da Alianza constroem redes cada vez maiores de profunda confiança, já que também vivenciam as mesmas lutas, aprimorando sua capacidade de reconhecer e valorizar recursos locais que as comunidades oferecem em abundância. Às vezes, em vez de financiamento em dinheiro, são oferecidos voluntários com aptidões necessárias para apoiar uma iniciativa específica. A Alianza também conecta grupos a redes semelhantes em suas áreas de atuação e em outros países, a fim de fomentar novas ideias e trocar experiências sobre soluções para problemas comuns.

Estruturas coletivas e participativas de tomada de decisões fazem com que as equipes dos países sejam responsáveis pelas doações estratégicas diretas em moedas locais para grupos locais. A Alianza garante que quaisquer intervenções nessas comunidades afetadas sejam inclusivas.

Recentemente, tem havido uma crescente conscientização global de que os biomas e ecossistemas reguladores do clima mais importantes estão nos países do Sul Global, como as maiores florestas tropicais ainda existentes no planeta. Assim, os fundos socioambientais locais ganharam uma plataforma ainda maior. Como destaca Souza: "Oitenta por cento de todas as florestas ainda existentes estão em terras indígenas. Por várias décadas, bilhões foram gastos para resolver o problema do desmatamento. No entanto, é simplesmente impossível fazer isso



sem reconhecer e mobilizar os verdadeiros guardiões desses lugares. Ainda assim, até agora, as comunidades florestais locais só tiveram as próprias vidas para dar nessa luta. Esta é a razão exata pela qual ativistas como nós, em nossa Aliança, arregaçam as mangas para literalmente inventar novas formas de fazer filantropia partindo do zero”.

## ■ 6.2 Fundação Africana do Clima (ACF)

A Fundação Africana do Clima (African Climate Foundation, ou [ACF](#)), é a primeira fundação estratégica de doações para mudanças climáticas liderada pela África no continente, totalmente dedicada ao trabalho com mudanças climáticas e desenvolvimento. Em menos de dois anos, a organização apoiou o trabalho em 23 países africanos, com presença no sul, leste, oeste e norte da África. A ACF enviou doações para mais de 80 organizações e especialistas técnicos que trabalham nas interseções entre clima e desenvolvimento no continente, com financiamento de 19 doadores.

A ACF é um exemplo de uma família de organizações de repasse de recursos (regranters) que iniciou suas operações com uma combinação de capital inicial proveniente de ações filantrópicas climáticas tradicionais e estabelecidas e forte conhecimento político, operacional e estratégico da região em que atua. A fundação não opera como uma ferramenta tradicional de repasse de recursos financeiros (regranting), nem como um fundo comum ou intermediário que permite às organizações filantrópicas escolher aquilo que queiram financiar. A orientação, as relações locais e as decisões estratégicas sobre a adequação do financiamento ficam a cargo da entidade que repassa os recursos financeiros. Trabalhando com doadores alinhados com a sua visão, a ACF proporciona um mecanismo filantrópico com uma compreensão profunda do contexto social, econômico e político da África, apoiando uma agenda de desenvolvimento positiva para o clima liderada pela África, enraizada na descarbonização, na resiliência social e no crescimento econômico inclusivo e transformador. Este modelo garante estratégias fundamentadas localmente que contribuam para os esforços da África no enfrentamento das mudanças climáticas.

Confiança está no cerne do trabalho da ACF. Se os doadores acreditam genuinamente na necessidade de resolver o que é o maior problema de nossos tempos, ou seja, uma possível catástrofe climática, então precisam confiar em entidades filantrópicas locais como a ACF para tomar as decisões corretas com seu dinheiro. Alan Wallis, Consultor Estratégico da ACF, desencoraja os doadores de predeterminar um resultado para, em vez disso, confiar nos especialistas locais. “Da nossa parte, nossos doadores não dão dinheiro à ACF porque querem apoiar uma organização ou projeto específico num determinado país”, disse. “Em vez disso, nos concentramos em levantar fundos para apresentar uma estratégia baseada em evidências que se alinhe às estratégias de nossos doadores, pois acreditamos que deve haver um certo grau de deferência para com quem repassa os fundos, para realizar suas estratégias com confiança nos processos e verificações e contrapesos em vigor que informam as decisões”. A ACF não se concentra em o que ou quem vai financiar, mas no porquê vai financiar e nos resultados e impactos que o apoio produz. Assim, na visão da ACF, quem repassa recursos não deve ser visto como uma extensão da estratégia do doador, mas como uma forma de pô-la em prática. “Não se trata de perder o controle ou não exigir responsabilidade, mas de confiança”, diz Wallis.

A ACF entende que a mudança, para ser bem-sucedida, precisa ser conduzida de baixo para cima, e o financiamento deve ser específico do contexto e atender às necessidades de uma sub-região,

um país ou uma comunidade local específica. “Se você não entende uma região, então trabalhe com organizações que entendem. Isso evita uma visão excessivamente macro ou homogênea das mudanças climáticas na África”. Entender complexidades e nuances é fundamental, ele diz. “Quem faz o repasse investe em recursos e capacidade para entender o contexto local, então já fez muito do trabalho braçal.”

Parte do sucesso da ACF são suas parcerias multissetoriais com organizações da sociedade civil, academia, governos, negócios, mão de obra e financiamento, tanto na África quanto no resto do mundo. Os caminhos de mudança exigem múltiplas entradas e perspectivas em qualquer dado momento. Assim, a ACF reúne diferentes atores para entender seus papéis e onde a influência inclusiva pode ser exercida. Destacar o trabalho dos parceiros locais é um ponto crucial para a ACF. “É fundamental para todo o nosso trabalho elevar e apoiar a excelência e as vozes africanas, promover soluções locais baseadas em evidências e demonstrar o clima e as oportunidades de desenvolvimento no continente”, diz Wallis. “A capacidade da ACF de causar impacto se deve ao ecossistema africano de organizações que pudemos apoiar, muitas delas possivelmente sem acesso anterior a recursos filantrópicos disponibilizados fora da África. O crescimento do movimento climático e de desenvolvimento e o correspondente apoio filantrópico no continente é uma medida crítica do nosso sucesso.”

### ■ 6.3 Fundação Pan-Americana para o Desenvolvimento (FUPAD)

A Fundação Pan-Americana para o Desenvolvimento (Pan American Development Foundation, ou FUPAD), foi estabelecida pela [Organização dos Estados Americanos \(OEA\)](#) na década de 1960, para trabalhar com governos, sociedade civil e setor privado no atendimento às necessidades das comunidades mais vulneráveis da América Latina e do Caribe. A Fundação faz parte do sistema interamericano de direitos humanos, mas mantém um status independente. Como financiadora, a FUPAD não está voltada para o clima, geralmente apoiando direitos humanos e justiça, oportunidades econômicas, migração, resiliência a desastres e trabalho ambiental, mas está integrando a ação climática em suas operações e capacitando sua equipe, conscientizando-a sobre como apoiar o desenvolvimento localmente liderado.

Na FUPAD, desenvolvimento localmente liderado significa que a Fundação projeta suas intervenções de financiamento com base em parcerias igualitárias com comunidades e organizações. Ao estabelecer parcerias com comunidades, a Fundação pode descobrir como o financiamento, principalmente o financiamento de longo prazo, pode agregar valor, desenvolver capacidade e evitar assumir ou direcionar uma agenda externa. Isso foi particularmente bem-sucedido em lugares como Honduras, onde a FUPAD trabalhou com organizações e empresários locais para desenhar e implementar estratégias de como lidar com a insegurança alimentar do país, um desafio que a mudança climática exacerbou principalmente ao longo do corredor seco da América Central.

A FUPAD recebe financiamento de diferentes doadores e responde tanto a processos estruturados, como a USAID, quanto a outros financiadores, como os governos canadense ou colombiano, onde

a concepção do projeto gira em torno de construir em conjunto por meio de um processo mais flexível. Depois que uma oportunidade de financiamento é garantida, os parceiros intervêm para projetar como o repasse (regranting) será feito.

A USAID vem pressionando pela localização e sua aplicação varia conforme o país. A FUPAD implementa o financiamento da USAID e está ativamente envolvida em seu processo de cocriação, que traz diversos atores para a concepção conjunta de projetos a serem financiados. Esse processo pode ser mais fácil para grandes organizações, enquanto organizações com menos recursos lidam com maiores custos de participação organizacional, pois funcionários essenciais são redirecionados para longe de seus trabalhos diários, de acordo com Camila Payan, Diretora de Democracia, Governança e Direitos Humanos da FUPAD.

Localização não precisa ser “como um interruptor que, ao ser acionado, faz pular direto para uma mudança radical”, diz Payan. “Começar pequeno e colaborar em nível local facilita na identificação de onde agregar valor. Uma vez que esse diálogo se torna uma ‘memória muscular’ de uma abordagem institucionalizada, o custo dessa consulta e parceria é menor.”

A FUPAD trabalha com muitas organizações pequenas que nem sempre são formalizadas e carecem de capacidade administrativa. O financiamento é determinado por prioridades locais de crescimento e respalda o desenvolvimento de capacidades para o sucesso, identificadas por essas organizações. “Quando necessário, ajudamos as organizações a ter uma política de contratação, contratar uma contadora ou encontrar advogados para analisar os contratos de trabalho”, diz Payan. “Este é um trabalho fundamental e não deve ser conduzido por nós, mas por eles. Deve estar de acordo com seus planos e visão. Do contrário, é um investimento perdido.”

Financiadores se beneficiam bastante de informações detalhadas sobre necessidades, prioridades, oportunidades e impacto. Como especialistas em suas próprias comunidades, pessoas locais naturalmente começam a apresentar mais ideias ao financiador sobre os problemas que estão tentando resolver. “Por mais difícil que seja dar esse primeiro passo, investir no diálogo local cria a oportunidade de obter mais informações que não estariam necessariamente acessíveis se essas conversas não acontecessem. E conforme você obtém mais informações, fica mais fácil saber o que financiar e o impacto que as atividades financiadas estão tendo”, diz ela.

## 7. Práticas progressivas para intermediários na cadeia de financiamento do desenvolvimento

Esses financiadores de ações climáticas têm várias práticas recomendadas em comum, que oferecem sugestões claras para organizações intermediárias sobre como transferir mais poder e mais recursos para atores locais da sociedade civil em países parceiros em desenvolvimento. Suas experiências podem servir como recomendações que doadores e fundações podem exigir de intermediários nacionais tradicionais no setor humanitário e de desenvolvimento. Essas etapas intermediárias podem contribuir para mudanças incrementais nessas organizações, para abrir mão do controle sobre o financiamento e transferir a agência para parceiros locais nas atividades locais.

### ■ 7.1 Definições mais claras do que vem a ser uma organização local

O apoio direto de um doador pode acontecer por meio de uma embaixada ou escritório no país sem um intermediário internacional. Outra possibilidade é quando doadores apoiam consórcios ou plataformas da sociedade civil com propriedade e liderança locais que, por sua vez, transferem ou encaminham fundos para outras redes e plataformas da sociedade civil locais. Quando isso não é possível, as organizações que repassam recursos financeiros podem fazê-lo. Esses financiadores de ações climáticas podem fazer repasse de recursos para coletivos de grupos da sociedade civil que compartilham recursos entre si, geralmente evitando que uma entidade sozinha controle todas as finanças.

Sua ênfase em definir o que é local está na liderança e na gestão. Doadores e outros financiadores internacionais não devem considerar apenas o local de constituição de uma organização, o endereço físico e o local da atividade contratual para definir o que é “local”. Um [exame minucioso](#) da metodologia da USAID para determinar se um ator é local constatou que subsidiárias de ONGs ou escritórios nacionais de empreiteiros privados foram inadvertidamente incluídos. Isso tanto representa um risco de superestimar o financiamento para os atores locais quanto incentiva entidades internacionais de desenvolvimento a estabelecer escritórios nos países do Sul Global, o que pode afastar ainda mais do financiamento os atores locais e nacionais.

### ■ 7.2 Repasse de recursos de acordo com as necessidades locais

Na concepção inicial dos projetos de ação climática, as três fundações confiam nos critérios e na capacidade de encontrar soluções dos atores locais ou das comunidades. Em vez de repassar recursos financeiros de acordo com as prioridades de um “doador original” (ou seja, grandes fundações ou agências de desenvolvimento bilaterais), os financiadores usam as próprias estratégias dos candidatos, que muitas vezes são vistas como menos valiosas do que um financiador internacional poderia desejar.

Como observa Alan Wallis, da ACF: “Estamos repassando recursos financeiros para outras organizações parceiras e não nos vemos como representantes de quem nos dá dinheiro e nos financia. Intermediário significa que você ainda faz parte do processo de outra pessoa. Não fala da autonomia que os destinatários locais dos repasses têm ou deveriam ter”. A WINGS visa incentivar uma comunidade de prática entre atores filantrópicos sobre como fundações gerenciam melhor os fundos recebidos de outras entidades que exigem responsabilidade.

### ■ 7.3 Melhorar a qualidade do financiamento

Financiamento para gestão e funcionamento (core funding) é identificado como a modalidade de financiamento preferida na [Recomendação sobre capacitação da Sociedade Civil na cooperação para o desenvolvimento e a assistência humanitária](#) do CAD-OCDE. O financiamento básico é incentivado como prática pela Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional (Sida) desde a adoção de seus [Princípios orientadores para envolvimento e apoio à sociedade civil](#) em 2019.

Oferecer suporte básico para uma organização permite que o ator local seja guiado pela missão, não pelos doadores. A maioria dos financiadores de ações climáticas descritos descobriu que o financiamento das operações diárias fortalece a propriedade e o poder local, proporcionando flexibilidade e previsibilidade ao cobrir salários e despesas gerais, o que pode ser útil em contextos onde acontece uma redução do espaço cívico. O diálogo em uma parceria entre financiador intermediário e organização local parceira pode passar de um nível técnico de projeto para um nível político e estratégico mais elevado quando o financiamento básico está coberto.

#### ■ 7.4 Simplificar requisitos de relatórios

Uma maneira fundamental de os financiadores intermediários melhorarem o desenvolvimento localmente liderado e limitar a carga sobre organizações locais é simplificar os requisitos de relatórios. Regras de relatórios excessivas e complicadas demais podem criar um ônus de conformidade que muitas organizações locais lutam para atender.

Para ACF, por exemplo, relatórios verbais são melhores do que confiar apenas em relatórios escritos. Assim, verificações telefônicas e discussões pessoais são usadas para monitorar resultados definidos no acordo de doação original.

#### ■ 7.5 Construir ecossistemas para a sustentabilidade

Nesses estudos de caso, o financiamento da ação climática foi direcionado para a construção da infraestrutura, a fim de apoiar conexões entre atores locais da sociedade civil. Quando não há financiamento direto, o fluxo de dinheiro através de mecanismos de repasse pode priorizar a construção de uma boa comunicação entre grupos locais frequentemente encontrados em áreas rurais e a sociedade civil nacional e organizações internacionais nas cidades.

A construção de ecossistemas também pode incluir o financiamento de uma filantropia autóctone que possa mobilizar apoio para o desenvolvimento e para necessidades humanitárias de recursos dentro dos países. A WINGS [documentou o impacto coletivo do apoio a um ecossistema saudável](#) na geração de mais recursos privados para o bem comum. A rede WINGS se concentra fortemente em ecossistemas para a filantropia, incluindo a implementação de ferramentas para mapeamento e fortalecimento de ecossistemas, como as [iniciativas-piloto na África Oriental e Ocidental](#). Financiadores interessados na construção de infraestruturas de ecossistemas podem entrar em contato com a WINGS para uma discussão mais aprofundada sobre papéis desempenhados pelas associações e plataformas nacionais e locais da sociedade civil, ou assembleias que sejam importantes para a sustentabilidade do ecossistema no longo prazo. ONGs poderiam facilitar e ampliar seus papéis no apoio à construção da interconectividade com a sociedade civil, além de apoiar esses processos centrais para uma governança inclusiva.

## ■ 7.6 Construir uma rede entre atores locais

Embora restrições de financiamento possam ser a principal causa de competição e suspeitas entre atores locais da sociedade civil, uma fragmentação vertical geralmente ocorre quando tomadores de decisão do governo e ONGs excluem atores locais das discussões de políticas nacionais, de forma intencional ou não. Definir as agendas também é um problema. ONGs geralmente determinam as questões relevantes e então envolvem os atores locais no apoio a essas questões. A Peace Direct exorta intermediários internacionais a desempenhar um papel para ajudar a superar essas divisões, conectando atores locais com papel de convocadores e facilitando e financiando intercâmbios e visitas.

O Fundo Casa Socioambiental, nascido como um fundo sul-americano e membro fundador da Alianza, entendeu esse risco de fragmentação e por isso decidiu, de forma consciente, não abrir escritórios em um segundo país, para evitar que decisões fossem tomadas de um país vizinho. Em vez disso, o Fundo Casa Socioambiental ajudou outros países a replicar suas próprias versões de fundos socioambientais independentes e geridos de forma local, aumentando o número de fundos independentes trabalhando de forma colaborativa. Isso possibilitou a construção de uma aliança global de redes locais. Esse trabalho conjunto produz conhecimento coletivo, além de valorização e compreensão entre atores que trabalham em diferentes níveis do sistema, enquanto todos estão concentrados na mesma missão de canalizar os recursos necessários para grupos mais vulneráveis, remotos e subfinanciados que lutam para proteger o meio ambiente e suas formas de viver.

## ■ 7.7 Transparência é essencial

Algumas ONGs fizeram esforços consideráveis para criar sistemas transparentes que compartilham informações financeiras com parceiros locais. O estudo próximo pelo CPDE, no entanto, descobriu que isso geralmente ocorre projeto a projeto, sem ser constante em toda uma organização de desenvolvimento ou assistência humanitária. A Humentum conduziu [entrevistas de pesquisa](#) em mais de 100 países, concluindo que financiadores e ONGs devem desenvolver mecanismos de responsabilidade mútuos e transparentes que sejam cocriados de forma proativa com parceiros locais e baseados em uma abordagem institucional dos riscos.

A transparência financeira é muitas vezes exigida por financiadores intermediários, mas raramente é oferecida aos parceiros locais. A FUPAD, ao contrário, é transparente com organizações parceiras sobre custos, pessoal essencial em projetos conjuntos, indicadores e documentos de proposta.

## ■ 7.8 Capacitação para compensar defasagens administrativas de organizações locais

Quando a capacidade existente se torna um fator primordial na escolha de quais organizações locais serão parceiras financiadas, a USAID e os intermediários geralmente escolhem repetidamente as mesmas entidades locais. “As melhores obtêm financiamento e se fortalecem, enquanto organizações menores, mesmo aquelas que fazem um bom trabalho, ficam para trás”,

observa [um grupo de empreiteiros privados](#) que trabalham com a USAID. Ciente desse dilema, a [Fundação Ford](#) oferece cinco anos de suporte operacional geral aos apoiados, combinados com suporte de fortalecimento organizacional direcionado. Uma avaliação após cinco anos conclui que “...o financiamento plurianual irrestrito, combinado com desenvolvimento institucional dedicado, leva a organizações mais fortes e resilientes de todas as estruturas, setores e tamanhos, e a conexões mais profundas com as comunidades que atendem”.

Em um esforço semelhante, a Alianza busca a sustentabilidade organizacional, apoiando organizações locais para que se fortaleçam na gestão de seus próprios projetos em geral e na gestão financeira, na comunicação e na governança institucional. Desta forma, os fundos visam criar condições para que mais grupos possam receber apoio financeiro direto. Souza, da Alianza, é enfática em não subestimar a capacidade local: “Depois de 20 anos nesta atividade, temos evidências e provas mais do que suficientes de que grupos locais podem receber e gerir recursos para implementar suas próprias soluções”, diz ela. Na África, Wallis, da ACF, concorda: “O melhor investimento é em pessoas e infraestrutura intelectual. Um projeto pode não ser sustentável, mas uma pessoa é. Por isso investimos em atores e especialistas locais, porque uma pessoa capaz é muito mais valiosa para o continente do que um projeto singular”.

## 8. Conclusão

Mecanismos de cooperação como a Alianza Socioambiental Fondos del Sur são úteis na aceleração do processo de canalização de recursos para o nível local em comunidades vulneráveis a impactos socioambientais, sem perda do controle local. A FUPAD facilita ativamente um espaço de compartilhamento de conhecimento sobre como organizações de financiamento funcionam na prática. A ACF procura posicionar a África como um centro de inovação em que tanto a resiliência climática quanto outras soluções de transição são experimentadas e testadas para moldar novos caminhos de desenvolvimento através de investimentos com orientação ambiental e social.

A fim de enfrentar a crise climática em nível local, esses financiadores de ações climáticas desenvolveram um relacionamento com organizações locais marcado por conexões políticas nacionais e locais, parcerias efetivas e fortalecimento da capacidade e do conhecimento local. Suas abordagens e mecanismos progressivos de repasse de recursos podem ser a peça que faltava para aqueles que estão confusos sobre como implementar a localização. Uma conclusão clara dos estudos de caso é que ONGs intermediárias ainda têm papéis críticos a desempenhar, embora estejam mudando.

Grandes doadores que canalizam dinheiro por meio de organizações internacionais da sociedade civil nos setores de desenvolvimento e ajuda humanitária devem pedir aos intermediários que adotem as inovações apresentadas neste documento como etapas iniciais e intermediárias na localização do tão necessário financiamento de assistência estrangeira para o desenvolvimento. Agindo assim, também ajudarão seus parceiros tradicionais a permanecerem relevantes.

## 9. Fontes

Brookings Institute, George Ingram, “Locally Driven Development, Overcoming the obstacles”, maio de 2022, acesso: <https://www.brookings.edu/essay/locally-driven-development-overcoming-the-obstacles/>

Casa Socio-Environmental Fund, Annual Report 2021, acesso: <https://casa.org.br/wp-content/uploads/2022/08/eng-annual-report-2021.pdf>

CSO Partnership for Development Effectiveness (CPDE), Chilande Kuloba-Warria, “CPDE Working Paper on International Civil Society Organizations’ Development Effectiveness: Reflections on progress in equitable partnerships, solidarity, and accountability – Implications of the Istanbul Principles and the DAC CSO Recommendation on Enabling Civil Society for ICOSOs”, publicação próxima, acesso: <https://csopartnership.org/>

Danida, “Evaluation of the Danish Support to Civil Society – Thematic Evaluation 2: Strengthening Civil Society in the Global South”, fevereiro de 2022, acesso: <https://um.dk/en/-/media/websites/umen/danida/results/evaluation-of-development-assistance/evaluation-programmes/2022csothematicreport2.ashx>

Development initiatives Global Humanitarian Assistance, “Global Humanitarian Assistance Report 2020”, acesso: <https://devinit.org/resources/global-humanitarian-assistance-report-2020/>

Food and Agriculture Pavilion, UN Conference of State Parties 27, “African Food Systems Transformation Initiative (AFSTI): Sustainably scaling African food systems”, novembro de 2022, acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=ub1bdVoaGyM>

Global Partnership for Effective Development Cooperation, “Busan Partnership for Effective Development Co-operation”, Declaration of the Fourth High Level Forum on Aid Effectiveness, Busan Republic of Korea”, dezembro de 2011, acesso: [https://effectivecooperation.org/system/files/2020-06/OUTCOME\\_DOCUMENT\\_-\\_FINAL\\_EN2.pdf](https://effectivecooperation.org/system/files/2020-06/OUTCOME_DOCUMENT_-_FINAL_EN2.pdf)

Humentum, “From Operations to Outcomes: A Policy Blueprint for Locally-Led Development – Insights and Recommendations from the Global Development and Humanitarian Assistance Community”, março de 2023, acesso: <https://humentum.org/wp-content/uploads/2023/03/Policy-Blueprint-March-2023-Humentum.pdf>

Inter-Agency Standing Committee, “The Grand Bargain 2.0 – Endorsed framework and annexes”, junho de 2021, acesso: <https://interagencystandingcommittee.org/system/files/2021-07/%28EN%29%20Grand%20Bargain%202.0%20Framework.pdf>

Norad, “Seminar: Locally led development in civil society partnerships”, fevereiro de 2023, acesso: <https://youtu.be/5rkPSusPGDA>

OECD, “Aid for Civil Society Organisations: Statistics based on DAC Members’ reporting to the Creditor Reporting System database (CRS) 2019-2020”, junho de 2022, acesso: <https://www.oecd.org/dac/financing-sustainable-development/development-finance-topics/Aid-for-CSOs-2022.pdf>



OECD (2023), Development Co-operation Report 2023: Debating the Aid System, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/f6edc3c2-en>, acesso: [https://read.oecd-ilibrary.org/development/development-co-operation-report-2023\\_f6edc3c2-en#page175](https://read.oecd-ilibrary.org/development/development-co-operation-report-2023_f6edc3c2-en#page175)

OECD, “Paris Declaration and Accra Agenda for Action (Aid Effectiveness Principles)”, adotada no Second High Level Forum on Aid Effectiveness, 2005, acesso: <https://www.oecd.org/dac/effectiveness/parisdeclarationandaccraagendaforaction.htm>

PeaceDirect, “The nine roles that intermediaries can play in international cooperation”, janeiro 2023, acesso: <https://www.peacedirect.org/wp-content/uploads/2023/01/BW-The-nine-roles-that-intermediaries-can-play-in-international-cooperation.pdf>

Professional Services Council, Council of International Development Companies, Larry Cooley, Jean Gilson, and Indira Ahluwalia, “Perspectives on Localization”, agosto de 2021, acesso: [https://www.pscouncil.org/\\_p/cr/r/Perspectives.aspx](https://www.pscouncil.org/_p/cr/r/Perspectives.aspx)

Publish what you fund, George Ingram, Nora O’Connell, and Sally Paxton, “Metrics matter: achieving USAID’s 25% funding target to local actors”, fevereiro de 2023, acesso: <https://www.publishwhatyoufund.org/2023/02/metrics-matter-achieving-usaids-25-funding-target-to-local-actors/>

Sida, “Guiding Principles for Sida’s Engagement with and Support to Civil Society”, 2019, acesso: <https://cdn.sida.se/publications/files/sida62235en-guiding-principles-for-sidas-engagement-with-and-support-to-civil-society-version-without-examples.pdf>

USAID, “Donor Statement on Supporting Locally Led Development”, dezembro de 2022, acesso: <https://www.usaid.gov/localization/donor-statement-on-supporting-locally-led-development>

WINGS, “Acting Together to Lift up Philanthropy: WINGS Guidance on How to Build a Supportive Ecosystem”, setembro de 2021, acesso: <https://wings.issuelab.org/resource/acting-together-to-lift-up-philanthropy-wings-guidance-on-how-to-build-a-supportive-ecosystem.html>

WINGS, “Strengthening the East and West African Philanthropy Support Ecosystem: A project led by WINGS, TrustAfrica and the East African Philanthropy Network”, acesso: <https://wingsweb.org/en/philanthropy-support-ecosystems-africa>

WINGS, 2023, “#PhilanthropyForClimate Case Studies: From Ideas to Action”, <https://philanthropyforclimate.org/case-studies/>

*Esta publicação foi produzida com apoio financeiro da União Europeia. Seu conteúdo é de exclusiva responsabilidade da WINGS e não reflete necessariamente as opiniões da União Europeia.*

WINGS é uma rede global de apoio à filantropia e organizações de desenvolvimento comprometidas em garantir que a filantropia atinja seu potencial máximo como catalisadora do progresso social. Nossa crescente comunidade de líderes de pensamento e agentes de mudança inclui mais de 200 membros em 58 países.



W I N G S  
ELEVATING PHILANTHROPY

 [wingsweb.org](http://wingsweb.org)

 [@wings\\_info](https://twitter.com/wings_info)

 [@wingswebinfo](https://www.facebook.com/wingswebinfo)

 [@wings-elevatingphilanthropy](https://www.linkedin.com/company/wings-elevatingphilanthropy)